

ENGAJAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PRÁTICA DO BEISEBOL

Victor Oliveira do Nascimento¹; Mateus David Finco²

¹ Graduado em Licenciatura em Educação Física -Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física, Mestre em Ciências do Movimento Humano e Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor no Departamento de Psicopedagogia e Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba.

Correspondência para: vic-nascimento@live.com

Submetido em 21 de dezembro de 2022.

Primeira decisão editorial em 20 de junho de 2023.

Segunda decisão editorial em 18 de Dezembro de 2023.

Aceito em 08 de Fevereiro de 2024.

RESUMO

O Beisebol é um esporte bastante antigo e popular entre países como Estados Unidos, Cuba, Venezuela e Japão. Ultimamente vem se desenvolvendo no Brasil, com práticas datadas do início do século XX. O presente artigo tem como objetivo analisar o nível de engajamento de alunos do Ensino Fundamental para a prática do Beisebol em aulas de Educação Física. Para esta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa do tipo exploratória. A amostra foi composta por 42 estudantes com idades entre 12 a 16 anos, do Ensino Fundamental. Durante o período de dois meses, foram realizados encontros com duração de 50 minutos, realizando atividades teórico-práticas alusivas ao Beisebol. Ao final do estudo, foi possível constatar que os alunos obtiveram um bom nível de engajamento nas aulas e passaram a ter uma nova visão sobre a modalidade do Beisebol, compreendendo práticas em sua forma mais lúdica até os fundamentos básicos do esporte.

Palavras-chave: Beisebol; Ludicidade; Engajamento; Educação Física; Escola.

ENGAGEMENT IN ELEMENTARY SCHOOL BASEBALL PRACTICE

ABSTRACT

Baseball is a sport with a long history and significant popularity in countries such as the United States, Cuba, Venezuela, and Japan. Recently, there has been development in Brazil, with practices dating from the early twentieth century in national territory. This article aims to analyze the level of student engagement in baseball practice during Physical Education classes. For this research, a qualitative exploratory approach was employed. The sample consisted of 42 students aged between 12 and 16 years old from Primary School. Over a two-month period, 50-minute sessions were conducted, encompassing both theoretical and practical activities related to Baseball. At the conclusion of the study, it was observed that the students achieved a high level of engagement in the classes and developed a new perspective on Baseball, understanding practices from playful approach to the basic fundamentals of the sport.

Keywords: Baseball; Playfulness; Engagement; Physical Education; School.

PARTICIPACIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE LA ESCUELA PRIMARIA EN LA PRÁCTICA DEL BÉISBOL

RESUMEN

El Béisbol es un deporte muy antiguo y popular entre países como Estados Unidos, Cuba, Venezuela y Japón. Últimamente, se ha venido desarrollando en Brasil, con prácticas que datan del inicio del siglo XX. Este artículo tiene como objetivo analizar el nivel de compromiso de los estudiantes para la práctica del Béisbol en las clases de Educación Física. Para esta investigación, se utilizó un enfoque exploratorio cualitativo. La muestra estuvo conformada por 42 estudiantes con edades comprendidas entre los 12 y 16 años, provenientes de la enseñanza primaria. Durante el período de dos meses, fueron realizados encuentros de 50 minutos, realizándose actividades teórico-prácticas que corresponden al Béisbol. Al finalizar el estudio, se pudo constatar que los estudiantes lograron un buen nivel de compromiso en las clases y desarrollaron una nueva perspectiva sobre la modalidad del Béisbol, comprendiendo prácticas desde su forma más lúdica hasta los fundamentos básicos del deporte.

Palabras clave: Béisbol; Lúdico; Compromiso; Educación Física; Escuela.

INTRODUÇÃO

O Beisebol (ou *Baseball*) é um esporte coletivo jogado com um taco de madeira ou de alumínio e uma bola específica para a modalidade. Há controvérsias sobre a sua origem, sendo as mais reconhecidas mundialmente como de origem inglesa, ou estadunidense, na adaptação de Abner Doubleday em Nova Iorque no ano de 1839, quando chamou a prática de “*rounders*”, inspirado nas práticas já existentes datadas do século XVIII na Inglaterra (TODA MATÉRIA, s.d.).

O Beisebol é um esporte muito praticado nos E.U.A., Venezuela, Cuba, República Dominicana e Japão, atraindo milhares de jogadores e fãs no mundo todo tanto para a prática, como espectadores. A liga mais conhecida é a liga americana, a *Major League Baseball*, mais conhecida pelas siglas “*MLB*”. Existem também várias ligas espalhadas pelo mundo, mas

ainda pouco conhecidas em suas dinâmicas, sendo mais reconhecidas pelas mídias de transmissão (O POVO, 2019).

O Beisebol teve sua estreia em Jogos Olímpicos oficialmente no programa dos Jogos de Barcelona, em 1992, com a participação de apenas jogadores amadores. No ano de 2000, jogadores profissionais passaram a ser permitidos, mas a *Major League Baseball*, a liga de Beisebol estadunidense, sendo considerada uma das ligas que possui os melhores jogadores do mundo, se recusava a liberar seus jogadores para participar dos Jogos Olímpicos. Por essa considerável ausência, foi um dos motivos para que o Comitê Olímpico Internacional (COI) decidisse retirar a modalidade do Programa Olímpico, depois dos jogos de Pequim, em 2008 (VOLTOLINI, 2021). Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, o Beisebol voltou à disputa olímpica, depois de uma ausência de 12 anos.

No Brasil, o Beisebol surgiu a partir do início do século XX (RONDINELLI, s.d.). O primeiro registro da modalidade em território nacional brasileiro consistiu em uma disputa entre funcionários de duas fábricas com proprietários de origem americana. Outro fator relevante do crescimento da modalidade se deu com o início da imigração japonesa, que trouxe dentro de suas práticas sociais a prática do esporte.

O Beisebol é mais difundido nas colônias japonesas localizadas na região Sul e Sudeste do Brasil, para onde a maioria dos imigrantes se instalaram. Em estados da região Norte, Centro-Oeste e Nordeste (que não tiveram uma forte colonização e o respectivo desenvolvimento da cultura da prática do esporte), existem poucos times e poucos campos oficiais de Beisebol, podendo-se encontrar apenas nos estados da Bahia e do Rio Grande do Norte.

O estado da Paraíba teve seu primeiro registro de prática da modalidade com a formação de uma equipe no ano de 2017. A atuação desta equipe ocorre a nível regional (contra times dos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas e Ceará). A equipe tem sua sede no município de João Pessoa e realiza treinamentos em um campo de futebol adaptando para a prática do Beisebol, pois na cidade não há estrutura de um campo oficial da modalidade. Por se tratar de uma equipe privada, todos os custos para os jogos e equipamentos são realizados através de recursos financeiros dos próprios jogadores.

A modalidade do Beisebol apresenta características específicas de organização, sistema de disputa e pontuação em relação às demais modalidades coletivas mais populares e praticadas no Brasil. Segundo as Regras Oficiais de Beisebol (2017), para o início da partida é necessário duas equipes de nove jogadores em cada uma, sob a direção de um técnico. O

objetivo de cada equipe que está atacando, é converter seu rebatedor em um corredor, e assim fazer os outros corredores avançarem. Já o objetivo da equipe defensora é evitar que os jogadores da equipe que está atacando se tornem corredores, e impeçam que os corredores avancem nas bases. Quando um rebatedor se torna corredor (após o momento em que rebate a bola), e assim passa e toca todas as bases de forma legal, ele assim anota um ponto para sua equipe. Para que uma equipe se torne vencedora da partida, ela terá que anotar mais pontos que a equipe adversária.

A prática do Beisebol desenvolve o tempo de reação, a agilidade, noção espacial, lateralidade, coordenação motora ampla e fina e o condicionamento físico dos praticantes. Também é um esporte que usa bastante o trabalho em equipe e a coletividade (VIDA E SAÚDE, s.d.).

De acordo com Olivera-Rodríguez e Ramírez-Arévalo (2017, p. 2), apesar de existirem jogos pré-desportivos já estabelecidos na Educação Física Escolar, é necessário que haja alternativas para a iniciação de esportes junto aos escolares, como a prática do Beisebol.

Conforme Santos (2012 *apud* LUZ, 2013, p. 4), as brincadeiras e jogos são ferramentas que conseguem melhorar as relações interpessoais das crianças, promovendo o respeito às regras dentro de conduta de cooperação, além de melhorar a capacidade física e as habilidades motoras. Com isso, uma proposta interessante para o engajamento da prática do Beisebol a nível escolar, seria a adoção de atividades lúdicas. O lúdico tem sua origem na palavra latina *ludus* que quer dizer jogo. Limitando-se o termo apenas à sua origem, este termo apenas se referiria ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo (FREITAS; SALVI, 2007, p. 4).

A Ludicidade é considerada como um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das brincadeiras. Pode advir de qualquer atividade que faça os olhos brilharem (LUCKESI, 2014, p. 18).

Para Kishimoto (2009), a brincadeira é o resultado de ações conduzidas por regras, em que se pode ou não usar objetos, mas que tenha as características do lúdico: ser regado, distante no tempo e no espaço, envolver imaginação, dispor de flexibilidade de conduta e de incerteza.

Frente ao pouco conhecimento no contexto escolar e ao fato de que o esporte é pouco difundido na região Nordeste, uma adaptação para as aulas de Educação Física Escolar é de utilizar os principais fundamentos do Beisebol (rebater, arremessar, pegar a bola e

eliminar adversários) em várias atividades com o entorno lúdico, envolvendo materiais alternativos e criação de jogos e brincadeiras, que podem assim elevar o nível de engajamento dos alunos.

Ao participarem de atividades lúdicas, como brincadeiras, jogos, danças, práticas esportivas, ginásticas ou atividades de aventura os estudantes não se envolvem apenas no aspecto recreativo, mas também se apropriam de todas as lógicas fundamentais (regras, códigos, rituais, sistemas de funcionamento, organização, táticas, etc.) associadas a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos (BRASIL, 2018, p. 220). De acordo com a BNCC, o Beisebol pode ser caracterizado como um esporte de campo e taco (BRASIL, 2018, p. 216) e pode ser adaptada para espaços que promovam um contato recreativo e de iniciação à prática da modalidade, não havendo a necessidade de cada escola conter um campo e materiais oficiais para as aulas de Educação Física.

Para este estudo se estruturou como objetivo geral analisar o engajamento de alunos para a prática do Beisebol em aulas de Educação Física Escolar, e para os objetivos específicos: a) observar as atitudes dos escolares na prática do Beisebol; b) averiguar o nível de conhecimento teórico e prático acerca do Beisebol através das práticas; e c) constatar dificuldades no manuseio e confecção de materiais alternativos para a prática do Beisebol.

MATERIAL E MÉTODOS

Este é um estudo de abordagem qualitativa, de tipologia exploratória e descritiva, e envolveu a pesquisa de campo para a coleta das informações

Conforme afirmado por Lakatos (2003, p. 186), a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Participaram deste estudo alunos do 8º ano A e 8º ano B, sendo 19 alunos do 8º ano A (10 do sexo masculino e 9 do sexo feminino) e 23 alunos do 8º ano B (15 do sexo masculino e 8 do sexo feminino), com faixa etária dos 12 aos 16 anos.

Durante o período de dois meses foram realizadas vivências práticas envolvendo atividades lúdicas de iniciação ao Beisebol, em aulas de Educação Física com duração de 50 minutos, em uma escola pública estadual localizada no município de João Pessoa – PB.

No início da intervenção realizou-se uma roda de conversa para levantamento do que os discentes apresentavam sobre a modalidade do Beisebol, e a partir deste ponto, começou-se uma breve conversa sobre o tema.

Ao final da intervenção, foi aplicado um questionário semiestruturado para coletar informações sobre o nível de engajamento e interesse dos alunos pelas práticas desenvolvidas.

Como técnica de análise dos dados, este estudo se utilizou da análise de conteúdo, que de acordo com Silva e Fossá (2013), analisa o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. O material para a análise foi organizado por anotações, gravações de vídeos, fotografias e um questionário, em seguida foi realizada uma análise sobre o engajamento dos alunos, seu engajamento nas aulas e o interesse na modalidade proposta por meio de anotações referentes a todo o desenvolvimento das turmas nas aulas. Todo o material foi organizado e separado pelos dados de cada aula e posteriormente, realizada a comparação dos dados coletados de cada aula para avaliar as mudanças nos níveis de engajamento dos alunos, observando a evolução do conhecimento frente o Beisebol.

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo está organizada em três polos, sendo estes: a pré-análise, que se refere à fase de organização; a exploração do material, que se refere à aplicação sistemática das decisões tomadas na pesquisa; e o tratamento dos resultados e a interpretação dos dados, que se refere aos resultados brutos de maneira a serem significativos e válidos.

Todos os participantes foram devidamente esclarecidos quanto aos objetivos, riscos, benefícios e procedimentos da pesquisa, com o preenchimento do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) utilizado para estudos envolvendo menores de 18 anos de idade e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais ou responsáveis pelos escolares. Foram garantidos aos mesmos o sigilo e confidencialidade das informações individuais, conforme as normas para a realização de Pesquisas com Seres Humanos e atendendo aos critérios da Bioética do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 (BRASIL, 2013). O projeto de pesquisa foi submetido via Plataforma Brasil para apreciação bioética do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Médicas da Universidade Federal da Paraíba, sob o número de aprovação 5.127.069, CAAE: 51646921.7.0000.8069.

Como protocolo de pesquisa, utilizou-se a observação participante e a aplicação de um questionário semiestruturado. Para Goldenberg (2007) a vantagem de um questionário semiestruturado está na forma de aplicação, pois exige menor habilidade no momento da

resolução, pode ser entregue em mãos e ser destinado a um grande número de pessoas ao mesmo tempo.

Queiroz (1988) defende o questionário semiestruturado como uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa.

Para esta pesquisa, o questionário foi organizado e embasado nos autores citados nos parágrafos anteriores que mencionam a objetividade nas perguntas dirigidas aos participantes, visando recolher informações substanciais ao que se pretende obter destes informantes. Foram organizadas um total de oito perguntas, sendo estas três perguntas relacionadas ao engajamento, duas sobre a segurança e por fim, três sobre a percepção das atividades: “Você já conhecia a modalidade do Beisebol? Se sim, de que forma?”, “Como foi para você praticar o Beisebol na escola? Destaque o que foi mais interessante do Beisebol.”, “Quais foram as atividades do Beisebol que você mais gostou de fazer?”, “Você se sentiu com receio em manusear os materiais do Beisebol?”, “Durante as práticas, foi difícil aprender os movimentos do Beisebol?”, “Você percebe o Beisebol com alguma outra atividade?”, “O Beisebol lhe auxiliou na tomada de decisões?” e “Você gostaria de aprender mais sobre o Beisebol?”

Durante as aulas de Educação Física foram preenchidos diários de campo com fichas de observação estruturadas descrevendo fatos primordiais para comprovação deste estudo. Para construção e preenchimento deste protocolo descritivo foram utilizados os métodos observacionais de Spradley (1980), com nove dimensões para serem seguidas:

- a) Espaço: o local, ou os locais físicos;
- b) Ator: as pessoas envolvidas;
- c) Atividade: um conjunto de atos relacionados realizados pelas pessoas;
- d) Objeto: as coisas físicas que estão presentes;
- e) Ato: ações individuais realizadas pelas pessoas;
- f) Evento: um conjunto de atividades relacionadas executadas pelas pessoas;
- g) Tempo: o sequenciamento que acontece ao longo do tempo;
- h) Objetivo: as coisas que as pessoas tentam alcançar;
- i) Sentimento: as emoções sentidas e manifestadas.

Para Flick (2009) a observação participante é definida como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise dos documentos, a entrevista de respondentes e as informações, a participação e a observação direta e a introspecção. O pesquisador mergulha de

cabeça no campo que observará a partir de uma perspectiva de membro e poderá, também, influenciar o que é observado graças à sua participação.

Conforme Spradley (1980), existem três fases da observação participante: observação descritiva, observação focalizada e a observação seletiva, utilizando protocolos descritivos e estruturados das situações a serem documentadas. Estes protocolos devem conter informações sobre os espaços, os atores, as atividades, os objetos, os atos, os eventos, o tempo, os objetivos e os sentimentos manifestados para fins de selecionar as incidências do amplo que foi observado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma característica interessante nas turmas envolvidas foi a heterogeneidade na faixa etária, pois em ambas as turmas haviam estudantes repetentes no oitavo ano, com os discentes apresentando entre 12 a 16 anos de idade. Participaram de todas as etapas da pesquisa, 41 alunos, apenas um aluno não conseguiu participar de todas as atividades da pesquisa, pois era um aluno transferido de outro estado, chegando na turma pouco tempo depois do início da pesquisa, mas ainda assim, este conseguiu participar de grande parte das atividades e por este motivo, o aluno se recusou a responder o questionário.

Na primeira aula, foi realizado um *quiz*, logo após a introdução de conteúdos teóricos sobre a modalidade. Nesta atividade, foram elaboradas questões relacionadas à matemática, inglês, história e geografia, valorizando os conhecimentos já trabalhados por outros componentes curriculares escolares. Um fator importante a ser destacado, sempre que algum aluno respondia, mesmo estando certa ou errada a questão, logo após era sempre acrescentado um comentário sobre o tema relacionado à pergunta, para que os discentes tivessem uma melhor noção sobre cada aspecto do Beisebol. Foi notável a empolgação após as explicações que ambas as turmas apresentaram nesta atividade inicial, já apresentando um bom nível de engajamento frente às propostas apresentadas.

Na segunda aula, a turma foi levada para uma quadra ao lado do ginásio, pois o mesmo estava sendo ocupado com aula de Educação Física de outra turma, foram desenvolvidas brincadeiras para a estimulação das habilidades de arremessar, de recepção da bolinha e de “eliminar” encostando a bolinha no colega, com o intuito de introduzir as habilidades básicas da modalidade do Beisebol.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 214), as brincadeiras e jogos exploram aquelas atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço,

caracterizadas pela criação e alteração de regras, pela obediência de cada participante ao que foi combinado coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si.

Para as atividades iniciais, utilizou-se de materiais alternativos: foram confeccionadas bolinhas feitas de papel e enroladas com fita adesiva no tamanho aproximado da bola de Beisebol.

Antes do início da primeira atividade, foi perguntado se os discentes conheciam alguma brincadeira que se utilizava do arremesso, de imediato vários alunos responderam o “baleado” (regionalmente conhecido, também sendo conhecido em outras regiões do Brasil como queimada, caçador, carimba etc.).

Conforme preconizado no referencial teórico da BNCC para com as aulas de Educação Física, a tematização das práticas corporais resulta em seis unidades temáticas para o componente curricular no Ensino Fundamental. As brincadeiras e jogos estão incluídas e devem envolver práticas com relações de meio e fim flexíveis e constante criação e alteração de regras. São práticas há um só tempo locais e universais, reconhecíveis em diferentes épocas e partes do mundo e por diversos grupos culturais (BRASIL, 2018, p. 214).

Com isso, foi utilizado o repertório da cultura do movimento destes discentes na associação junto à atividade proposta, como um meio de aproximação da realidade das brincadeiras e entretenimento dos escolares.

Em seguida foi realizada uma brincadeira chamada de “o dono da rua”: o discente que estivesse como "o dono da rua" só poderia “pegar” a outro que estivesse atravessando o espaço demarcado na quadra, se encostasse a bolinha neste, este também passaria a ser “o dono da rua” ajudando o colega, segundo o conceito de trabalho em equipe. Para passar a bola e “pegar” sempre encostando a bolinha, inicialmente começamos apenas com uma bolinha e uma dupla como “dono da rua”, mas visto que estavam com dificuldades foi se acrescentando outra bolinha, a brincadeira fluiu bem melhor e os “donos da rua” foram crescendo, visto que conseguiram trabalhar em equipe e conseguiram finalizar a brincadeira.

Na terceira aula, foram iniciadas brincadeiras que remetiam à rebatida do Beisebol e brincadeiras para o desenvolvimento das habilidades de arremessar e apanhar. Foi realizado o trabalho de manipulação do taco com flutuadores de piscina de um tamanho referente ao taco de Beisebol e balões de festa. O material auxiliou os alunos na interação, e foi possível constatar que todos os discentes participaram e conseguiram executar a brincadeira com um bom engajamento na atividade. Em seguida foi realizada uma brincadeira chamada “one out”, que consiste em uma pessoa arremessar a bolinha em um quadrado de uma determinada

distância e outra pessoa tentar rebater, no decorrer da brincadeira os alunos passaram a escolher o material na cor que mais lhes agradavam e o tamanho que eles achavam que teriam uma melhor probabilidade de acerto, assim tendo um melhor engajamento e estimulando o manuseio do material. Foi possível evidenciar que em nenhum momento foi solicitado pelos discentes a informação sobre a melhor mecânica para a rebatida do Beisebol, pois todos incorporaram o intuito de brincar e se divertir.

Na figura 1 é possível observar os materiais alternativos criados para as práticas das aulas:



Figura 1: Materiais alternativos utilizados durante as aulas do projeto de Beisebol.

Partindo para a próxima brincadeira chamada de “o paredão”, que consiste na divisão dos alunos em dois grupos (intercalando em ataque e defesa em um espaço determinado ao fundo da quadra). Para o grupo da defesa foi traçada uma linha de aproximadamente 10 metros de distância da parede, formando uma espécie de corredor entre o grupo de defesa até a parede, enquanto o grupo de ataque teria que correr de um lado ao outro da quadra, quando dado o sinal do apito, o grupo de defesa teria que correr até o outro lado enquanto o grupo de ataque teria que arremessar a bolinha e tentar acertar alguém. Cada acerto teve a marcação de um ponto, cada corrida era equivalente a uma entrada do Beisebol, no total foram realizadas 4 “entradas”, com isto, os grupos se revezaram em ataque e defesa, até o final de todas as entradas.

Foi possível observar que cada grupo na atividade elaborou estratégias diferentes, pois nas quatro entradas, ocorreram poucos pontos, tanto o grupo da defesa (corredores) como o de ataque (arremessadores) elaboraram boas estratégias. A cada acerto na rebatida, a cada bola arremessada, a cada corrida na qual eles planejaram suas estratégias, era nítida a alegria em cada um deles, pois além de conseguirem desempenhar todos esses fundamentos do Beisebol, sem nenhuma instrução tática, os discentes conseguiram realizar a atividade, sem se importar

de haver um vencedor, pois a diversão e o entretenimento prevaleceram durante a execução de toda a brincadeira.

Na quarta aula, foi realizada uma atividade chamada de “guerra de território”, que consiste na divisão de dois grupos, cada um ficando em lados opostos da quadra que estava marcada com os limites de cada “território”. Cada participante inicia a atividade com um flutuador de piscina e também com uma bolinha. Ao sinal do apito, os participantes têm de rebater a bolinha para o lado adversário enquanto o adversário tentaria realizar a mesma ação ou interceptar as bolinhas que chegassem em seu território. Com o desenvolvimento da atividade, os discentes teriam que criar estratégias para passar a bolinha mais rápido que o outro grupo. A brincadeira finaliza após 2 minutos cronometrados pelo professor. Apesar desta brincadeira apresentar o aspecto competitivo, foi enfatizado que o importante não era ter um grupo vitorioso, e sim pensar e utilizar as estratégias viáveis para cada grupo. No final, todos se uniram e vibraram bastante, pois relataram que a atividade foi bastante divertida.

O engajamento na atividade foi perceptível, pois os participantes estavam bastante envolvidos e a euforia tomava conta do ambiente, o pensamento crítico e a criatividade também estavam presentes nesta brincadeira, pois os discentes precisaram encontrar soluções inovadoras e diferentes para enfrentar o desafio proposto da atividade.

Segundo a BNCC (2018, p. 221) a reflexão sobre a ação é um dos importantes conhecimentos a serem levados das atividades, pois refere-se aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal. Trata-se de um ato intencional, orientado a formular e empregar estratégias de observação e análise.

Na quinta aula, como encerramento das atividades práticas, foi realizada uma brincadeira mais complexa, que representava a corrida entre as bases. A atividade foi realizada com arcos no chão (como as bases do Beisebol), sendo o objetivo do grupo atacante era de conseguir correr todas as bases e o grupo da defesa eliminar o corredor antes que este chegasse no ponto de partida acertando a bolinha rebatida pelo rebatedor que passou a ser corredor após rebater a bolinha. Os dois grupos executaram estratégias definindo cada função da equipe defensora para que tivessem um melhor desempenho.

Uma observação importante é que na terceira, quarta e quinta aulas, usou-se sempre a quadra dividida com a turma da professora de Educação Física da Escola que desenvolvia a aula com outra turma, conseqüentemente, o espaço sempre foi bastante reduzido para a distribuição das práticas.

Nas respostas dos questionários, foi possível evidenciar as sensações e opiniões dos discentes acerca das vivências e aulas com as práticas lúdicas do Beisebol. No questionamento “Você já conhecia a modalidade do Beisebol? Se sim, de que forma?”, a maioria dos respondentes afirmaram que sim, pela televisão ou em filmes. A respondente 17 relatou: “*Sim, ano passado estudei sobre isso.*”, esta foi a única resposta na qual algum respondente já havia estudado sobre o Beisebol.

Para a segunda pergunta, “Como foi para você praticar o Beisebol na escola? A respondente 34 relatou: “*me diverti bastante e exercitei meu corpo, participar com meus amigos foi muito legal e interessante*”. O Beisebol é um esporte que trabalha os movimentos corporais amplos e finos, tanto na defesa quanto no ataque e também é extremamente coletivo, o trabalho em equipe é fundamental, pois as jogadas acontecem rapidamente e todos precisam estar atentos e unidos.

Conforme as dimensões do conhecimento tratadas na BNCC (BRASIL, 2018, p. 220), a experimentação se refere ao conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. Trata-se de uma possibilidade única de apreender as manifestações culturais tematizadas pela Educação Física e do estudante se perceber como sujeito “de carne e osso”.

No questionamento “Você se sentiu com receio em manusear os materiais do Beisebol?”, metade dos participantes responderam que não tiveram dificuldades e a outra metade que sim. O respondente 8 afirmou em sua resposta: “*sim, principalmente eu fiquei com medo do meu parceiro de turma errar a bola e acertar em mim*”. Por ser um esporte novo para a maioria, é normal ter receio do manuseio dos materiais, é tudo novo, o tamanho da bola, ter outra pessoa arremessando para você, rebater a bola, tudo isso é novo para eles.

Na pergunta “Durante as práticas, foi difícil aprender os movimentos do Beisebol?” O respondente 8 destacou que “*não, porque o professor ensinava muito bem.*”. Ter um bom planejamento e saber extrair o potencial de cada aluno são fatores importantes para o sucesso de um professor na Educação Física Escolar.

Em relação à pergunta “O Beisebol lhe auxiliou na tomada de decisões?” O respondente 35 afirmou “*sim, em estratégias*”, assim como em vários esportes, o Beisebol também é um esporte onde demanda bastante estratégia em todas as funções, do arremesso à rebatida, da corrida ao posicionamento em campo, tudo é pensado estrategicamente. De acordo com a BNCC (2018, p. 220), a dimensão do uso e apropriação, refere-se ao

conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Desta forma, pode-se afirmar que o discente e muitos outros participantes demonstraram desenvoltura para o desenvolvimento de estratégias nas dinâmicas propostas.

Sobre a última questão na qual diz “Você gostaria de aprender mais sobre o Beisebol?” O respondente 18 afirma “*sim, porque eu aprendi muitas coisas sobre esse esporte que eu não sabia muita coisa.*” Apenas 4 alunos afirmaram que não gostariam de aprender mais sobre o Beisebol e 3 alunos responderam que talvez gostariam.

Após analisar todas as informações coletadas, foi possível observar que a maioria dos alunos demonstraram um bom nível de engajamento nas aulas aplicadas e um forte interesse para a prática do Beisebol, além das atividades propostas neste estudo. Ademais, foi possível evidenciar que os discentes finalizaram as atividades com um repertório de conhecimentos teóricos e práticos da modalidade, o que corrobora para a formação motora, intelectual e física dos participantes nas aulas de Educação Física Escolar.

A prática do Beisebol na Educação Física Escolar pode ser implementada de forma lúdica, sem necessidade de uma grande área e materiais oficiais, podendo ser utilizados materiais alternativos como os confeccionados para esta pesquisa. Não foi possível evidenciar dificuldades e receios dos escolares no manuseio e na confecção dos materiais, sempre houve engajamento e muito interesse perante as práticas envolvendo os bastões de flutuadores e bolinhas em substituição aos materiais oficiais da modalidade.

Assim como na BNCC (BRASIL, 2018, p. 216) é abordado o conjunto de esportes de campo e taco como objetos de conhecimentos, como uma categoria que reúne as modalidades que se caracterizam por rebater a bola lançada pelo adversário o mais longe possível, para tentar percorrer o maior número de vezes as bases ou a maior distância possível entre as bases, enquanto os defensores não recuperam o controle da bola, e, assim, somar pontos (beisebol, críquete, softbol etc.). A modalidade do Beisebol pode ser inserida com as devidas adaptações de espaço físico e material, pois no estudo foi perceptível um ótimo engajamento dos alunos com o emprego da ludicidade.

Também em consonância com a BNCC, a cultura corporal do movimento em suas finalidades, deve favorecer a participação dos escolares nas aulas de Educação Física de forma confiante e autoral na sociedade, possibilitando três elementos fundamentais comuns às práticas corporais: movimento corporal como elemento essencial; organização interna, pautada por uma lógica específica; e produto cultural vinculado com o lazer/entretenimento

e/ou o cuidado com o corpo e a saúde (BNCC 2018, p. 213). Além de adaptar o Beisebol de forma lúdica, foram desenvolvidos todos estes elementos nas práticas realizadas, conforme proposto na BNCC, pois notadamente os alunos apresentaram diversas relações na cultura das brincadeiras, jogos e entretenimento no desenvolvimento das atividades práticas.

CONCLUSÃO

A pesquisa revelou que a maioria dos participantes não haviam vivenciado a prática do Beisebol e só conheciam o esporte por televisão ou filmes. A modalidade abre um leque de oportunidades tanto para os professores quanto para os alunos, pois a prática pode proporcionar benefícios para a saúde física e mental dos participantes. Com a distribuição de atividades lúdicas, foi possível observar o engajamento dos participantes e ganhos nos aspectos cognitivos, emocionais, sociais, físicos e na criatividade.

Neste estudo todos os objetivos propostos foram alcançados, assim comprovando que a modalidade do Beisebol possui grande potencial para ser desenvolvido no âmbito escolar. A grande maioria dos alunos que participaram da pesquisa demonstraram interesse em conhecer mais sobre o esporte e em praticar a modalidade fora da escola no contra turno.

Mesmo contemplando todos os objetivos, sugere-se para pesquisas futuras que novas intervenções possam englobar uma carga horária maior de aulas, com grupo de diferentes faixas etárias e em contextos de escolas privadas e públicas para comparação de níveis de engajamento e interesse nas práticas na modalidade do Beisebol.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **L'Analyse de contenu**. Editora PressesUniversitaires de France, 1977.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Educação Física**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jun. 2013.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREITAS, Eliana Sermidi de; SALVI, Rosana Figueiredo. **A Ludicidade e a Aprendizagem Significativa Voltada Para o Ensino De Geografia**, 2007.
- GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KISHIMOTO, TizukoMorchida. **Brincar é Diferente de Aprender**. Portal do Professor - Brinquedos Educativos,27/04/2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=453>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e Formação do Educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

LUZ, Silvana. Aparecida Cherone da. Atividades lúdicas no ensino da Educação Física para os escolares do 6º ano. Paraná. **Secretaria de Estado da Educação**. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2013. Cascavel: SEED/PR., v. 2, 2016. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_edfis_pdp_silvana_aparecida_cherone_da_luz.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

O POVO. **Onde mais se pratica o Beisebol e história nas Olimpíadas**. 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/esportes/2019/05/03/onde-mais-se-pratica-o-beisebol-e-historia-nas-olimpiadas.html>. Acesso em: 10 jun. 2023.

OLIVERA-RODRÍGUEZ, Víctor Luiz; RAMÍREZ-ARÉVALO, Carlos Alberto; Martínez-Bárzaga, Odonel. Alternativa de JuegosPredeportivos Para laIniciaciónDeportiva de los Escolares enelBéisbol Desde laEducación Física. **Revista Olímpia**, v. 14, n. 45, 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”: Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice - Editora Revistados Tribunais, v. 5, p. 68-80,1988.

REGRAS OFICIAIS DO BEISEBOL. 2017. 164p.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. Brasília, 2013.

RONDINELLI, Paula. **Beisebol Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/beisebol.htm>. Acesso em: 06 jul. 2023.

SPRADLEY, James. **ParticipantObservation**. New York: Rinehartand Winston, 1980.

TODA MATÉRIA. O Beisebol. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/beisebol/>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

VIDA E SAÚDE. Escolha Seu Esporte. Disponível em: <https://www.terra.com.br/saude/boaforma/esporte_beisebol.htm>. Acesso em: 10 mai. 2023.

VOLTOLINI, Evandro. **Como Funciona o Softbol e o Beisebol nas Olimpíadas?**. Megacurioso, 2021. Disponível em <<https://www.megacurioso.com.br/estilo-de-vida/119507-como-funcionam-o-softbol-e-o-beisebol-nas-olimpiadas.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2023.